

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA



ANNAIS
DO
MUSEU HISTÓRICO NACIONAL

VOL. X

1949



1959.

44/1992

BIBLIOTECA DO M.H.N.
EXEMPLAR-RESERVA

S U M Á R I O

GUSTAVO BÄRROSO — O álbum das lágrimas de ouro	5
SIGRID PORTO DE BARROS — Armas que documentam a guerra holandesa	11
ECYLA CASTANHEIRA BRANDÃO — Um desenho de Parreiras	61
GERARDO DE CARVALHO — Dez estatuetas baianas	69
ANTONIO PIMENTEL WINZ — Iconografia do Rio de Janeiro segundo a coleção fiduciária existente no Museu Histórico Nacional	81
NAIR DE MORAES CARVALHO — As comemorações do setuagésimo aniversário do fundador do M.H.N.	263

AS COMEMORAÇÕES DO SETUAGÉSIMO ANIVERSÁRIO DO FUNDADOR DO M. H. N.

NAIR DE MORAIS CARVALHO

Conservadora classe K; Coordenadora e Professora do Curso de Museus

Revestiram-se do maior brilho e imponência as comemorações do setuagésimo aniversário do Dr. Gustavo Barroso, diretor e fundador do Museu Histórico Nacional. O programa das mesmas foi organizado e dirigido por uma comissão composta dos funcionários, Professores do Museu Histórico e dos Srs. Austregésilo de Ataíde, Diretor dos Diários Associados, Carlos Ribeiro, editor, Dr. Deolindo Couto, Vice-Reitor da Universidade do Brasil, Dr. Elmano Cardim, Presidente da Academia Brasileira de Letras, Capitão-de-Mar-e-Guerra Dr. Heriberto Paiva, Dr. Ivolino de Vasconcelos, Presidente da Sociedade Brasileira de História da Medicina, Dr. Josué Montelo, da Academia Brasileira de Letras, Professora Maria Barreto, do Ministério da Educação e Cultura, General Dr. Osvaldo dos Santos Dias, do Colégio de Armas e Consulta Heráldica do Brasil, Paulo Tacla, Dr. Pedro Calmon, Magnífico Reitor da Universidade do Brasil, Dr. Pizarro Loureiro, da "Voz de Portugal", e Coronel Umberto Peregrino, Diretor da Biblioteca do Exército.

No dia 29 de dezembro de 1958, data natalícia do Dr. Gustavo Barroso, celebrou-se uma missa solene de ação de graças na Igreja de Nossa Senhora do Rosário à qual compareceram os funcionários do Museu Histórico, muitos membros da Academia Brasileira de Letras, do Instituto Histórico e do Corpo Diplomático, as pessoas da família do homenageado e os seus amigos de tôdas as classes sociais. O templo encontrava-se completamente cheio. Ao terminar a cerimônia litúrgica, o sacerdote celebrante dirigiu uma bela e sentida saudação ao Dr. Gustavo Barroso.

Às 16 horas, com grande comparecimento de homens de letras e pessoas gradas, inaugurou-se na Livraria São José uma vitrina com um grande retrato do escritor e tôdas as suas obras encadernadas, formando uma belíssima composição que foi muito admirada. O sr. Carlos Ribeiro pronunciou o discurso de inauguração, salientando o valor literário do homenageado, legítima glória das letras nacionais a cujo serviço dedicou a sua vida. Falou, em seguida, o Embaixador José Carlos de Macedo Soares, ex-Ministro das Relações Exteriores, declarando que muito maior do que o talento literário de Gustavo Barroso era o seu coração de amigo e de patriota, inteiramente devotado às coisas do Brasil. Teceu um caloroso elogio às virtudes e qualidades pessoais do seu dileto colega na Academia Brasileira de Letras e brilhante companheiro em missão no Chile, recentemente. O Dr. Gustavo Barroso agradeceu com palavras repassadas de emoção tanto a homenagem que Carlos Ribeiro prestava à sua obra quanto a que o Chanceler Macedo Soares prestava à sua alma. Entristecia-o, porém, disse, que a eterna destruição a que estão sujeitas tôdas as manifestações do pensamento o levassem a olhar com dúvida e melancolia as perspectivas do futuro, nas quais talvez se apagassem de todo as idéias que pusera nos seus livros. Essa meditação tinha a grande utilidade de o tornar humilde diante da glória daquelas palavras elogiosas, crente de que só a posteridade friamente poderia dizer se, de fato, fizera alguma coisa aproveitável no domínio das letras. Para não se tornar vaidoso, preferia antes crer que o coração dos amigos, muito maior do que o seu, apesar das afirmações de Macedo Soares, era o responsável pela homenagem que estava recebendo.

O orador passou, depois, a autografar livros da sua autoria, a fim de satisfazer as inúmeras pessoas que esperavam o momento de possuir um volume com o seu autógrafo.

A principal cerimônia do programa realizou-se às 20 horas e meia no Museu Histórico Nacional. O pátio do Portão da Minerua que lhe dá acesso apresentava um aspecto na verdade deslumbrante com as suas sóbrias linhas arquitetônicas do século XVIII iluminadas por poderosos refletores. Das janelas das suas três fachadas pendiam colchas e colgaduras antigas adamascadas e bordadas. Nas portas e escadarias formavam aos pares em grande unifor-

me, com suas lanças perfiladas, os Dragões da Independência, 1º Regimento de Cavalaria de Guardas, ao qual o Dr. Gustavo Barroso, quando Deputado, propôs que fôsse dado o brilhante fardamento da Guarda de Honra de D. Pedro I e o título que ostenta. A banda de música do Corpo de Bombeiros e a charanga dos Dragões executavam peças do seu repertório. Ao fundo do pátio junto à arcada principal, estava coberto por um véu o busto de bronze do escritor, que devia ser inaugurado.

Reunidas tôdas as pessoas presentes junto ao mesmo, teve início a notável solenidade com o discurso pronunciado pela Coordenadora do Curso de Museus, Prof. Nair de Moraes Carvalho:

“Sr. Representante do Exmo. Sr. Presidente da República, Sr. Ministro da Marinha, Sr. Presidente do Supremo Tribunal Federal, Dr. Orozimbo Nonato, Sr. Representante do Exmo. Sr. Ministro da Educação e Cultura, Sr. Embaixador de Portugal, Srs. Representantes de altas autoridades, minhas senhoras e meus senhores:

O busto que estamos inaugurando tem uma significação especial. Como nenhum outro poderá ter. Êle não representa sòmente a concretização de uma homenagem de funcionários que admiram, prezam e estimam o seu chefe pela sua capacidade e espírito de justiça; recorda também a gratidão pessoal de um dêles, que ao mesmo chefe deveu a sua feliz recuperação; e, ainda, simboliza o modo de proceder do Diretor que durante 36 anos geriu os destinos do Museu, por êle fundado, formou, instruiu e encaminhou os seus colaboradores.

A história dêste busto merece ser contada como invulgar episódio do serviço público. Vai para alguns anos, veio, transferido para esta Casa de outra Repartição, onde se tornara indesejável pelo seu espírito de indisciplina, o servente Manuel Ferreira Gomes, apelidado Calabar. Citamos seu nome com respeito, pois se acha aposentado e enfêrmo, e porque o que se passou sòmente pode honrar a sua pessoa. Investido nas suas humildes funções começou a criar casos. Contra êle representou o chefe da seção onde fôra lotado, por 3 vêzes. Da primeira, o Diretor admoestou-o pessoalmente; da segunda, repreendeu-o em Portaria; da terceira, teria que suspendê-lo.

A suspensão é uma pena que o Diretor do Museu sòmente aplica quando não tem outro remédio. Todos os que com êle trabalham sabem do seu ponto de vista: o de que êsse castigo transcende do culpado, sobretudo quando em cargo subalterno e de exíguo ordenado, como é o caso dos serventes, para atingir-lhe a família pela perturbação econômica que acarreta. Por isso, antes de suspender o Sr. Manuel, mandou chamá-lo ao seu gabinete, fê-lo sentar-se, reclamou com calma e brandura contra o seu procedimento rebelde, estranhando afinal que um homem na sua idade não se emendasse e tomasse outro caminho.

— Por que procede assim? — perguntou-lhe.

O servente, então, emocionado, explicou que outrora tivera algumas posses, cursara a Escola de Belas Artes como aluno de escultura e, ocorrendo circunstâncias que lhe empobreceram a família, teve de abandonar os estudos. Forçado a empregos humildes por não ter protetores, encalhara no de servente. A sua alma de artista, porém, continuava viva e ardente. Não se resignava às duras condições que o destino lhe impunha. Sentindo-se capaz de criar formas e de gozar a beleza das linhas e das côres, repugnava-lhe lavar vidraças, varrer salões, espanar vitrinas e encerar soalhos. Daí a sua desobediência, a sua revolta.

O Diretor compreendeu o que se passava naquela alma. Transferiu imediatamente o Sr. Manuel para a oficina de restauração, dando-lhe a incumbência de recompor esculturas. Da noite para o dia, outro foi o Sr. Manuel. Vestido com uma bata, de posse dos instrumentos da sua arte, livre dos entraves disciplinares da limpeza da casa, tornou-se acessível, risonho, delicado, obediente, feliz! De início prestou relevante serviço às coleções do Museu, restaurando um busto em gesso do Barão de Mamoré, que se partira em dezenas de pedaços, e um mármore do Conde de Pôrto Alegre, cuja cabeça fôra decepada. Fêz dois trabalhos notáveis. Passou a modelar em gesso e a dourar ramagens, florões, mascarões e ornamentos partidos de molduras. Trabalhava com imenso prazer, com exemplar dedicação. Tornou-se um dos mais distintos, preciosos e queridos funcionários da casa. Dentro em pouco, expunha no Salão de Belas Artes um busto do Presidente Dutra, recebendo Menção Honrosa. Era de ver a sua satisfação quando

se tornou laureado por aquêlê Salão e os jornais imprimiram o seu nome. Infelizmente, êste ótímo colaborador do Museu já não está em serviço. Funcionário relapso e tangido de outros serviços o Diretor dera-lhe, com o seu espírito de compreensão e humanidade, uma oportunidade de redenção, uma ressurreição, uma nova vida. Para mostrar a sua gratidão ao chefe que o compreendera e nobilitara, Manuel Ferreira Gomes fêz o seu busto, que é êste, diante do qual todos os que o conhecemos e estimamos agora evocamos saudosamente.

Não poderia deixar de contar semelhante história, exemplo da maneira como, respeitando tendências, estimulando inclinações, cultivando a liberdade das almas, dando mais fôrça ao espírito que vivifica do que à lei que mata, segundo a frase célebre, o nosso Diretor, repetindo o que fêz com êsse servente várias vêzes, tem sabido criar em volta de si um corpo de colaboradores eficientes e devotados, que neste momento traduzem os seus sentimentos na homenagem dêste bronze de significação tão peculiar.

Bastaria o que aí fica dito para eternizar no Museu a memória de Gustavo Barroso. Todavia como deixar de lembrar que pela idéia da sua criação se bateu na imprensa desde 1911 até 1922, quando o benemérito Presidente Epitácio Pessoa a concretizou e em boa hora lhe confiou a execução do Decreto presidencial. Nomeado em agosto de 1922, em outubro inaugurava a Repartição que de então por diante veio num crescendo admirável. Espantoso mesmo, tanto do ponto de vista material, como mostruário de reliquias preciosas, quando não únicas, quanto do ponto de vista espiritual, como escola de civismo, incentivo de cultura, foco de culto à tradição, documentário vivo e palpitante da História, dinamo propulsor de variados estudos. O Museu acabou imortalizando-se nas criações diretas que tem realizado e nas indiretas de que tem sido a viva sugestão. Entre as primeiras, o Curso de Museus, hoje de mandato universitário, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, simples desdobramento da sua antiga, modesta e eficiente Inspetoria de Monumentos Nacionais. Entre as segundas, outros museus, outros cursos e o amor que se vai espalhando pelas nossas coisas do passado.

Seria longo enumerar a obra de brasilidade a que dedicou meio século da sua existência o Dr. Gustavo Barroso, como es-

critor ficcionista, como historiador, filólogo, sociólogo, poeta, folclorista, ensaísta, desde as páginas escaldantes de mocidade de “Terra de Sol” até aos capítulos ponderados e documentados dos “Segredos e Revelações da História do Brasil”. O seu coroamento, que devemos assinalar, diante desta memória de bronze cinzelada pela mão dum servidor humilde que êle salvou numa encruzilhada dos seus caminhos, é o Museu Histórico Nacional. Idealizou-o, fundou-o, criou-o pedaço por pedaço, ultimou-o deu à Nação êste presente régio, transmitiu à posteridade as mensagens do nosso passado. Nascido pobre no ensolado Ceará, o Dr. Gustavo Barroso abriu o seu caminho vida afora só e sem protetores. Trabalhou com talento e afinco, caminhou honestamente por entre espinhos e escolhos, venceu as ingratidões e as incompreensões, deixa uma obra que só com a distância do tempo será devidamente avaliada.

Neste bronze, *aes perennis*, põem os seus colaboradores no Museu, onde vive há 36 anos, os votos para que pelo tempo além se conserve a sua memória. Êste bronze guarda em si a alma desta casa, onde o trabalho eleva e dignifica por todos os títulos.

Terminando, faço, em nome dos funcionários do Museu Histórico, dos amigos e admiradores de Gustavo Barroso um veemente apêlo ao Exmo. Sr. Ministro da Educação e Cultura e ao Exmo. Sr. Presidente da República para que, depois de aposentado, conservem o Diretor desta Casa do Brasil, em comissão, de acôrdo com a lei, no cargo que tanto tem dignificado. O seu caso é único nos anais da nossa Administração Pública: um chefe de serviço, que idealizou a sua Repartição, fundou, organizou e dirigiu por espaço de 36 anos, renunciando a posições políticas e diplomáticas para a ela tão-sòmente dedicar tòda a sua atividade. Estamos todos certos de que o Exmo. Sr. Presidente da República atenderá ao memorial que a respeito lhe foi entregue.

O criador não poderá ser afastado da sua criação.

Resta-me sòmente dizer ao Dr. Gustavo Barroso em nome de todos os seus colaboradores que esperamos se sinta hoje tão feliz recebendo esta justa homenagem como felizes nos sentimos por cumprirmos o nosso dever de gratidão.”

Cessados os aplausos a essa oração, o Major José Edson Perpétuo, Representante do Exmo. Sr. Presidente da República,



Foto I — Homenagem da Livraria São José — 29.XII.58

descerrou o busto oferecido pelos funcionários do Museu, sob uma salva de palmas, enquanto a banda de música do Corpo de Bombeiros executava o Hino de Fortaleza, composição do maestro cearense Antônio Gondim com versos de Gustavo Barroso.

Em seguida, o Almirante Matoso Maia, Ministro da Marinha condecorou o Dr. Gustavo Barroso com a placa de Grande Oficial do Mérito Naval, o maior grau da Ordem que pode ser concedido, pronunciando as seguintes palavras, muito aplaudidas:

“Estava planejado e estabelecido que V. Exa., no dia 13 do corrente, Dia do Marinheiro, seria promovido a Grande Oficial da Ordem do Mérito Naval, pelos relevantes serviços que continuou prestando à Marinha depois de admitido como Comendador. Entretanto, falhas que ocorrem em tôda a parte não transformaram esta decisão em realidade. Bendigo estas falhas que vieram permitir que, com maior relêvo, o Govêrno pudesse, através da Marinha, por mim representada, associar-se às homenagens que, no momento, os seus amigos e admiradores lhe prestam. Receba, pois, Sr. Gustavo Barroso, a sua promoção a Grande Oficial da Ordem do Mérito Naval, como sincero reconhecimento da Marinha de Guerra do Brasil, pelo muito que V. Exa., fêz e, estou certo, continuará a fazer por ela”.

O Dr. Gustavo Barroso agradeceu vivamente, de improviso, aquela “verdadeira glorificação”, dizendo que era de todo avêso a manifestações de tal natureza e só tinha consentido em receber aquela por se tratar da homenagem dum funcionário humilde, que se tornara, devido às circunstâncias narradas no discurso da Prof.^a Nair de Carvalho, seu amigo fiel. Entendera que poderia aceitar a inauguração daquele busto não como um preito pessoal, mas como um verdadeiro símbolo do espírito que sempre reinara ali, na Casa do Brasil, de compreensão e de amor, não só ao culto do passado, das tradições da Pátria, mas entre os que a tão abnegada tarefa se dedicam com nobreza. O busto lembraria mais, no seu modo de pensar, o funcionário que o fizera para exprimir o seu sentimento, do que a figura do Diretor que o amparara e lhe dera uma nova vida. O Diretor, simples barro humano, passará com a sombra da morte, o Museu e o seu espírito continuarão vivos ao serviço do Brasil. Fôra a êsse serviço que também se dedicara



Foto II — No Pátio de Minerva, no Museu Histórico Nacional. 29.XII.58

a batalhar pelas glórias da nossa Marinha de Guerra, que agora, pelo gesto do Almirante Matoso Maia, o recompensava ao cêntuplo com ilimitada generosidade.

Finda, assim, a inauguração do busto, dirigiram-se todos os presentes à sala de conferências do Museu, Sala das Américas, profusamente decorada com flores e dominada pelo retrato em tamanho natural do Presidente Epitácio Pessoa, criador da instituição, pelo grande pintor português Carlos Reis. Teve, então, início a sessão solene da formatura dos alunos do Curso de Museus, dedicada ao Dr. Gustavo Barroso, paraninfo da mesma. Este sentou-se à mesa tôda coberta de flores naturais, ladeado pelo Representante do Exmo. Sr. Presidente da República, Major José Edson Perpétuo, Embaixador de Portugal, Dr. Manuel Rocheta, Dr. Afrânio Coutinho, Representante do Ministro da Educação, D. Hélder Câmara, Arcebispo Auxiliar do Rio de Janeiro, representando o Cardeal D. Jaime Câmara, Dr. Pedro Calmon, Magnífico Reitor da Universidade do Brasil, Capitão Hiran de Faria, Representante do Exmo. Sr. Ministro da Guerra, Dr. Austregésilo de Ataíde, Secretário Geral da Academia Brasileira de Letras e Coronel Acir da Rocha Nóbrega, Diretor do Arquivo do Exército. A sala estava literalmente cheia de pessoas representativas de tôdas as classes sociais, funcionários e ex-alunos do Curso de Museus.

Abrindo a sessão, o Dr. Gustavo Barroso, como Diretor do Museu Histórico Nacional, deu a palavra ao representante da turma de 13 museologistas que ia receber os diplomas de terminação do curso, Dr. Paulo Berger, o qual, depois de enaltecer os ensinamentos recebidos na Casa do Brasil e os professores que os ministraram, mostrando o valor de cada um e das matérias professadas, propôs que o atual Curso de Museus, de mandato universitário, em memória do seu criador e diretor, passasse a ser denominado Curso Gustavo Barroso, do mesmo modo que no Itamarati se designou o curso de diplomacia com o nome aureolado de Rio Branco. Esta peroração foi demoradamente aplaudida pela assistência.

Após a chamada dos diplomandos e entrega dos respectivos diplomas, falou o Magnífico Reitor Dr. Pedro Calmon. O seu discurso foi constantemente interrompido por salvas de palmas.

Relembrou o tempo feliz e cheio de esperanças em que iniciara a sua carreira na Capital da República, lutando com dificuldades. Encontrara generosa acolhida no Museu Histórico Nacional, em cujo ambiente de sossêgo e amizade, estudara e se preparara para grandes lutas. Gustavo Barroso, de quem fôra secretário no Museu por mais de dez anos, servira-lhe de mestre e conselheiro. Essa amizade caminhará pelo tempo, tornando-se cada vez maior. Êle recebeu-o triunfalmente na Academia Brasileira. Assim, naquela noite festiva estava ali jubiloso, a recordar com orgulho os seus primeiros passos na Casa do Brasil, que Gustavo Barroso fundara e durante mais de sete lustros defendera, engrandecera e dignificara. As suas palavras eram um preito de estima, admiração e gratidão ao ilustre brasileiro que envelhecera na defesa da alma do Brasil, que é a sua História.

Com a palavra a Professôra Maria Barreto, antiga aluna do Curso de Museus, disse da sua alegria em tomar parte naquela celebração do seu antigo mestre e amigo. Queria ressaltar de público que, em matéria de museus e defesa do patrimônio histórico do País, o Dr. Gustavo Barroso tinha sido o precursor e o mestre. Tudo quanto a respeito se tem feito e se está fazendo se origina do seu impulso inicial. Completando êle 70 anos de idade, dos quais 45 dedicados ao serviço público e 35 ao Museu Histórico, honrava-se em reconhecer, públicamente, o seu valor e o seu sacrifício, solidária com tôdas as homenagens que lhe estavam sendo prestadas.

Cessados os aplausos ao discurso da Professôra D. Maria Barreto, inaugurou-se na Sala das Américas uma placa de bronze, oferecida pelos alunos do Curso de Museus, comemorativa da sua atuação como professor de Técnica de Museus e de História do Brasil. Na mesma ocasião, a turma dos museologistas formada em 1954, entregou ao Dr. Gustavo Barroso um artístico cartão de prata gravado à mão como lembrança de alunos que permanecem seus amigos fiéis. Foi lido o seguinte memorial em pergaminho, assinado por centenas de alunos, ex-alunos, funcionários, Deputados, Ministros, intelectuais e amigos do homenageado, ao Exmo. Sr. Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, Dgmo. Presidente da República:

“Os Amigos, alunos e ex-alunos do Curso de Museus do Museu Histórico Nacional, admiradores do Professor Gustavo Barroso, que completa no dia 29 de dezembro 70 anos de idade, vêm respeitosamente pedir a V. Exa. que o mesmo seja mantido no cargo de Diretor daquele instituto por êle fundado e dirigido desde 1922. Estão certos os mesmos de solicitar do elevado espírito de compreensão de V. Exa. um ato de plena justiça.

O caso do Professor Gustavo Barroso, com mais de 45 anos de serviço é único na Administração Pública. Por êle foi ideada, regulamentada, organizada, fundada e dirigida no espaço de 36 anos a Repartição, a que dedicou mais da metade da sua existência consagrando-lhe tôda a sua grande atividade, tornando-a um tesouro de inestimáveis relíquias e um modelo digno de imitação. A sua capacidade funcional para o exercício do cargo, como notável historiador, mestre de folclore, técnico abalizado em museologia, emérito conhecedor das nossas épocas, costumes, armas, arquiteturas, indumentárias e objetos, é hoje reconhecida pela opinião pública de todo o País e do estrangeiro. Êle tornou o Museu Histórico Nacional uma fonte de irradiação de cultura e patriotismo, criando em 1932, como serviço dêle dependente, a Inspeção de Monumentos Nacionais, que iniciou a restauração das nossas obras de arte e se tornou em poucos anos tão importante que passou a constituir o atual Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, e o Curso de Museus, formador de museologistas para os serviços federais, estaduais e municipais do Brasil, disseminador da necessidade dos museus como estabelecimentos de estudo e ensino, animador do culto pela grandeza da Pátria. Além da sua obra literária, de grande vulto e repercussão, escreveu o Professor Gustavo Barroso dois volumes hoje considerados clássicos sôbre museologia, para a cadeira técnica por êle criada no referido curso, “Introdução à Técnica de Museus”, e fundou e dirige a magnífica publicação que são os *Anais do Museu Histórico Nacional*.

O pedido que ora fazemos, *data venia*, a V. Exa. Sr. Presidente da República, encontra amparo legal no art. 191 do Estatuto dos Funcionários Públicos Civis da União, Lei nº 1 711, de 28 de outubro de 1952 que diz o seguinte: “Salvo o caso de aposentadoria por invalidez, é permitido ao *funcionário aposentado*



Foto III — O Dr. Gustavo Barroso agradece a homenagem prestada no
Pátio de Minerva